



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

ESCOLA DE BELAS ARTES

DEPARTAMENTO DE ARTES TEATRAIS - BAT

BACHARELADO EM ARTES CÊNICAS- CENOGRAFIA

JOÃO VIEIRA DA SILVA

DRE: 116035543

TERRA DE MIRITI:

A Vitrine da Amazônia

Rio de Janeiro, 2025.

Nome do estudante: João Vieira da Silva

DRE: 116035543

Curso/Departamento/Unidade: Artes Cênicas - Cenografia/
Departamento de Artes Teatrais - BAT/ Centro de Letras e Artes - CLA

Título do projeto: Terra de Miriti: A Vitrine da Amazônia

Nome do orientador: Cássia Maria Monteiro

Data da defesa: 10/07/2025

Resumo do projeto (de até no máximo 250 palavras): A instalação “Terra de Miriti: A Vitrine da Amazônia” é uma obra artística concebida para ocupar um espaço central na COP 30, com o objetivo de transmitir, de forma simbólica e sensível, a importância da Amazônia no equilíbrio climático global. Construída inteiramente a partir da palmeira de miriti (*Mauritia flexuosa*), a instalação constitui-se de um globo terrestre em grande escala, pendurado em um dos guindastes localizados na Estação das Docas, ponto turístico da cidade de Belém, no Pará. O globo representa não apenas o planeta Terra, mas também a relação intrínseca entre cultura, natureza e futuro sustentável.

Palavras-chave : Amazônia; Miriti; COP 30; instalação.

CIP - Catalogação na Publicação

V586t Vieira da Silva, João
 Terra de Miríti: A Vitrine da Amazônia / João
Vieira da Silva. -- Rio de Janeiro, 2025.
 51 f.

 Orientadora: Cássia Monteiro.
 Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Artes Cênicas: Cenografia,
2025.

 1. Amazônia. 2. Miríti. 3. COP 30. 4. Instalação.
I. Monteiro, Cássia , orient. II. Título.



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO EM
ARTES CÊNICAS - CENOGRAFIA
ATA DE DEFESA

Nome: JOÃO VIEIRA DA SILVA

DRE: 116035543

Título do Projeto: *Terra de mirim: a vitrine da Amazônia*

Orientação: CASSIA MARIA FERNANDES MONTEIRO

A sessão pública foi iniciada às 11 03, realizada de modo presencial. Após a apresentação do trabalho de conclusão de curso o (a) estudante, foi arguido (a) oralmente pelos membros da Banca Examinadora e foi considerado (a): () APROVADO (A) / (X) APROVADO COM LOUVOR () APROVADO (A) COM RESSALVAS / () REPROVADO (A), de acordo com os seguintes critérios:

	Sim	Parcial	Não
O (A) estudante demonstra competência para expressar uma linguagem própria como artista cênico	X		
O projeto evidencia fundamentação teórica com relação ao material que lhe serviu de base e diálogo com o contexto artístico e cultural a que se vincula o projeto	X		
O (A) estudante demonstra capacidade de organização do projeto gráfico, explicitando domínio com relação a formas, volumes e texturas	X		
O (A) estudante utiliza com propriedade os meios de representação gráfica, o raciocínio espacial, a proporção, o equilíbrio e a harmonia das criações	X		
O (A) estudante demonstra capacidade para realizar a aplicação prática do projeto: confecção, adequação de materiais, orçamento, realização de protótipos e modelos	X		
O (A) estudante apresentou Memorial Descritivo	X		

Comentários: *A banca destaca a proposta conceitual do projeto. Ressalta ainda a qualidade da concepção e o domínio de materiais e de técnicas de cenotecnia demonstrado pelo estudante*

Membros da Banca Examinadora

Assinatura

Cássia Maria Fernandes Monteiro (orientadora)

Cássia Maria F. Monteiro

Larissa Cardoso Feres Elias

[Assinatura]

Ronald Teixeira da Cunha

[Assinatura]

Estudante:

João Vieira da Silva

Coordenador:

[Assinatura]

Rio de Janeiro, 10/07/2025

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe Raimunda Vieira da Silva (*in memoriam*) e ao meu pai José Teixeira da Silva (*in memoriam*). Em especial a minha mãe por me inspirar a correr atrás dos meus sonhos, não importa o quão distante eles se encontram.

Aos meus irmãos Raimundo, Edilson (*in memorium*), Edivaldo, Fátima e Antônio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder força na jornada acadêmica sendo o primeiro da família a ter um ensino superior.

Agradeço aos meus colegas e amigos pela contribuição para a realização deste trabalho de conclusão de curso.

Agradeço aos colegas de trabalho da UERJ, por me orientarem nessa etapa acadêmica.

Agradeço à professora Cássia Monteiro, pela orientação, suporte e dedicação na realização deste trabalho.

RESUMO

A instalação “Terra de Miriti: A Vitrine da Amazônia” é uma obra artística concebida para ocupar um espaço central na COP 30, com o objetivo de transmitir, de forma simbólica e sensível, a importância da Amazônia no equilíbrio climático global. Construída inteiramente a partir da palmeira de miriti (*Mauritia flexuosa*), a instalação constitui-se de um globo terrestre em grande escala, pendurado em um dos guindastes localizados na Estação das Docas, ponto turístico da cidade de Belém, no Pará. O globo representa não apenas o planeta Terra, mas também a relação intrínseca entre cultura, natureza e futuro sustentável.

Palavras-chave: Amazônia; Miriti; COP 30; instalação.

ABSTRACT

The installation "Terra de Miriti: A Vitrine da Amazônia" (Land of Miriti: The Amazon's Showcase) is an artistic work conceived to occupy a central space at COP 30, with the aim of symbolically and sensitively conveying the importance of the Amazon in global climate balance. Constructed entirely from the miriti palm (*Mauritia flexuosa*), the installation consists of a large-scale globe hanging from one of the cranes located at Estação das Docas, a tourist attraction in the city of Belém, Pará. The globe represents not only planet Earth, but also the intrinsic relationship between culture, nature, and a sustainable future.

Keywords: Amazon; Miriti; COP 30; installation.

SUMÁRIO:

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1. COP 30.....	11
1.2. O Miriti e a Sustentabilidade na Amazônia.....	12
1.3. A Cadeia de Produção do Miriti: Sustentabilidade, Tradição e Técnica.....	16
1.4. O Artesão do Miriti e a Dimensão Cultural do Círio de Nazaré.....	19
2. REFERÊNCIAS VISUAIS.....	21
2.1. O Mosaico Marajoara: Arte, Ancestralidade e Conexões Globais.....	23
3. PROPOSTA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO.....	24
4. ESPAÇO: ESTAÇÃO DAS DOCAS.....	25
5. PRODUÇÃO DO PROJETO.....	27
5.1. Rascunhos.....	27
5.2. Montagem da Maquete.....	29
5.3. Construção do Guindaste.....	43
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50

1. INTRODUÇÃO

As mudanças climáticas representam um dos maiores desafios da humanidade no século XXI, exigindo respostas globais coordenadas e sustentadas. Diante desse cenário, a Conferência das Partes (COP), vinculada à Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC), configura-se como o principal fórum internacional para negociação e tomada de decisões voltadas à mitigação dos impactos ambientais e à promoção do desenvolvimento sustentável. Desde sua criação, em decorrência da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUED), realizada no Rio de Janeiro em 1992 — a chamada Rio-92 —, a COP tem evoluído em seus compromissos, culminando em acordos históricos como o Protocolo de Kyoto (1997) e o Acordo de Paris (2015).

A realização da COP 30, prevista para novembro de 2025, na cidade de Belém, no estado do Pará, será um marco significativo por ocorrer, pela primeira vez, em meio à Floresta Amazônica, um dos biomas mais estratégicos para o equilíbrio climático do planeta. Esta edição da conferência tem como foco central a revisão das Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs), conforme estabelecido pelo Acordo de Paris, além de ampliar o protagonismo de comunidades indígenas, tradicionais e da sociedade civil nas decisões ambientais globais.

Nesse contexto, a Amazônia se destaca não apenas como reserva de biodiversidade e carbono, mas também como território de expressiva riqueza cultural. A cidade de Abaetetuba, situada no Baixo Tocantins, a 120 km de Belém, exemplifica essa interseção entre cultura, sustentabilidade e tradição, especialmente por meio da produção artesanal dos brinquedos de miriti. Conhecida como a “Capital Mundial do Brinquedo de Miriti”, Abaetetuba mostra como práticas sustentáveis podem fortalecer identidades locais e contribuir para o desenvolvimento econômico sem comprometer os recursos naturais.

A introdução da instalação artística “Terra de Miriti: A Vitrine da Amazônia” na COP 30 reforça essa relação simbólica e prática entre cultura e meio ambiente. A obra, confeccionada com a palmeira miriti (*Mauritia flexuosa*), pretende sensibilizar os participantes da conferência sobre a urgência da preservação ambiental aliada à valorização das expressões culturais amazônicas.

1.1. COP 30

A Conferência das Partes (COP) da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC) constitui o principal fórum internacional para a discussão e negociação de medidas globais destinadas a combater as mudanças climáticas. Estabelecida a partir da Rio-92, a UNFCCC reúne os 193 países-membros da ONU, além de participantes não-estatais, como ONGs, povos indígenas e setor privado. Desde a sua primeira edição em 1995, a COP tem sido palco de importantes acordos internacionais, destacando-se o Mandato de Berlim (COP-1), o Protocolo de Kyoto (COP-3) e o Acordo de Paris (COP-21). Este último, firmado em 2015, representa um marco por incluir a participação de quase todos os países na meta de limitar o aquecimento global a “muito abaixo de 2°C”, com esforços para limitar a 1,5°C, além de prever revisões periódicas das metas e compromissos financeiros dos países desenvolvidos para apoiar ações climáticas em nações em desenvolvimento.



Figura 1: Rio-92

A COP30, a ser realizada em novembro de 2025 em Belém, Pará, assume uma importância singular ao ter como cenário a Floresta Amazônica, bioma crucial para o equilíbrio climático global. O evento também destaca a crescente inclusão dos povos indígenas nas discussões e a avaliação das novas Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs), que irão direcionar os esforços globais para o combate às mudanças climáticas nas próximas décadas. O evento será fundamental para discutir estratégias globais de enfrentamento das mudanças climáticas. Entre os principais tópicos, destaca-se a emissão de **gases de efeito estufa** como **dióxido de carbono (CO₂)**, **metano (CH₄)** e **óxidos de nitrogênio (NO_x)**, que, em excesso, intensificam o aquecimento global. Embora o efeito estufa seja um processo natural, sua intensificação tem causado o aumento da **temperatura média global**, **elevação do nível do mar** e a intensificação de **fenômenos climáticos extremos**. Assim, a COP30 será uma oportunidade essencial para fortalecer compromissos globais em relação à redução dessas emissões e à mitigação dos impactos climáticos.



Figura 2: Mandato de Berlim (COP-1)

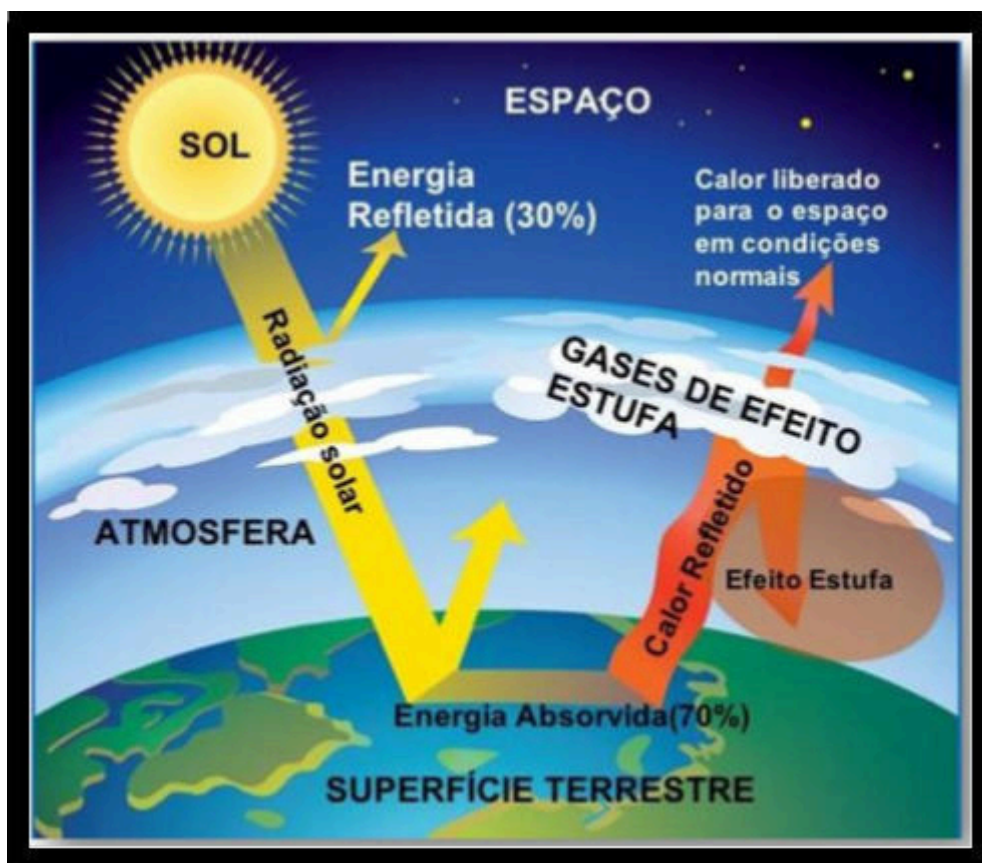


Figura 3: Explicação efeito estufa

1.2. O Miriti e a Sustentabilidade na Amazônia

A palmeira buriti (*Mauritia flexuosa* Mart.), conhecida popularmente como *miriti*, especialmente na fala indígena tupinambá, representa um dos elementos mais emblemáticos da biodiversidade amazônica. De ampla ocorrência em áreas alagadiças da Amazônia e do Cerrado, essa espécie vegetal distribui-se desde os estados da Região Norte até algumas regiões do Sudeste brasileiro. Também denominada *buri*, *carandaí-guaçu* ou *muriti*, a palmeira é tradicionalmente chamada de “árvore da vida” por diversos povos indígenas e comunidades tradicionais, devido ao seu papel ecológico, cultural e econômico.

O miriti destaca-se por sua multifuncionalidade e por ser um recurso natural renovável. Uma de suas principais características é a leveza de sua estrutura interna, o que lhe rendeu o apelido de “isopor da Amazônia”. Essa propriedade física, aliada à sua fluabilidade e facilidade de manuseio, fez com que o material fosse, historicamente, utilizado para a confecção de objetos artesanais e brinquedos. Acredita-se que as crianças indígenas tenham sido as primeiras a explorar essa maleabilidade natural para criar pequenos artefatos lúdicos.

Com o passar do tempo, a utilização do miriti expandiu-se para além do uso infantil, ganhando um espaço significativo na cultura paraense. Tradicionalmente, os adultos faziam uso da tala do braço do miriti – uma parte do galho da palmeira – para a fabricação de peneiras e outros utensílios domésticos. A porção maciça do braço, por sua vez, era frequentemente descartada. No entanto, a criatividade e o conhecimento popular transformaram esse resíduo em matéria-prima para um dos mais importantes símbolos culturais da região: os brinquedos de miriti.

Esses brinquedos tornaram-se uma das expressões mais marcantes do *Círio de Nossa Senhora de Nazaré*, uma das maiores manifestações religiosas do Brasil, realizada anualmente em Belém do Pará desde 1793. Produzidos por artesãos locais, especialmente nas comunidades de Abaetetuba, os brinquedos de miriti representam não apenas a fé e a tradição popular, mas também um exemplo prático de sustentabilidade e aproveitamento integral de recursos naturais. Por meio do trabalho artesanal, é possível observar a valorização de técnicas tradicionais aliadas ao respeito ambiental e à geração de renda para centenas de famílias amazônicas.

Nesse contexto, o miriti representa uma interface concreta entre cultura, meio ambiente e desenvolvimento sustentável. Sua utilização promove práticas de baixo impacto ambiental, incentiva a economia local baseada em recursos florestais não madeireiros e valoriza o conhecimento tradicional. Além disso, sua associação com eventos religiosos e manifestações culturais reforça a importância da biodiversidade amazônica não apenas como um patrimônio ecológico, mas também como uma expressão viva das identidades sociais e históricas da região.

A valorização do miriti como símbolo de sustentabilidade cultural ganha ainda mais relevância no contexto atual de debates globais sobre mudanças climáticas e justiça ambiental. Com a realização da COP 30, prevista para novembro de 2025 em Belém do Pará, o protagonismo da Amazônia nas discussões climáticas internacionais será ampliado. A inclusão de saberes tradicionais, como o uso do miriti, e a promoção de práticas sustentáveis regionais, serão fundamentais para evidenciar soluções locais diante de desafios globais. Assim, o miriti transcende sua função utilitária e se afirma como um importante símbolo da aliança entre cultura, natureza e sustentabilidade.



Figura 4: Palmeira Mirirti



Figura 5: Braça do Miriti.

1.3. A Cadeia de Produção do Miriti: Sustentabilidade, Tradição e Técnica

A cadeia de produção do miriti é um exemplo notável de como práticas tradicionais podem ser aliadas à conservação ambiental, à geração de renda e à valorização do patrimônio cultural. Desde a coleta até o produto final – geralmente brinquedos artesanais coloridos –, o processo envolve uma série de cuidados ecológicos e conhecimentos acumulados por gerações, demonstrando como os saberes tradicionais amazônicos incorporam princípios de sustentabilidade em sua essência.

A extração do miriti inicia-se com a coleta dos chamados “braços” da palmeira (*Mauritia flexuosa*), em uma prática conduzida com responsabilidade ecológica. A estrutura da planta permite a retirada seletiva desses braços, que nascem dos troncos principais e se desenvolvem em árvores jovens, conhecidas como “filhos”. Em média, cada tronco possui cerca de cinco braços, dos quais apenas dois ou três são extraídos, deixando os demais para regeneração natural. Essa técnica permite que o mesmo tronco continue produzindo novos braços ao longo do tempo, garantindo uma fonte renovável de matéria-prima. Tal manejo

responsável contribui para que a coleta do miriti ocorra sem comprometer a vitalidade da palmeira ou o equilíbrio do ecossistema local.

O principal insumo utilizado na produção artesanal é o pecíolo das folhas da palmeira, parte que conecta a folha ao tronco, composto por uma fibra extremamente leve e porosa. Este material, conhecido como o “isopor da Amazônia”, tornou-se a base para a produção dos característicos brinquedos de miriti, reconhecidos por sua leveza, cores vibrantes e forte apelo simbólico.

A preparação da fibra vegetal exige técnicas específicas e segue uma sequência cuidadosa. Primeiramente, as fibras externas e mais duras que recobrem a polpa interna são removidas. Em seguida, as toras de miriti – ainda verdes – são deixadas ao sol para iniciar o processo de secagem. Essa etapa superficial, no entanto, não é suficiente para garantir a consistência ideal do material para o entalhe. Por isso, os artesãos transferem as peças para ambientes internos, onde secam lentamente, ao abrigo da umidade e do calor excessivo, completando o processo de forma natural.

A escolha do período de coleta e secagem também é estratégica. Tradicionalmente, o miriti é adquirido entre os meses de novembro e julho, quando as condições climáticas favorecem uma secagem mais uniforme e profunda, especialmente no período do inverno amazônico, que é menos úmido. Ao final desse processo, a fibra adquire uma textura ideal para ser cortada, entalhada, lixada e, por fim, pintada com as cores que caracterizam a arte popular amazônica.

Este processo artesanal, apesar de simples em sua tecnologia, é sofisticado em conhecimento ecológico e social. O respeito pelos ciclos naturais, o uso de recursos locais renováveis, o aproveitamento integral do material e a transmissão oral das técnicas entre gerações tornam a cadeia de produção do miriti um modelo emblemático de economia sustentável de base comunitária.

Além disso, o miriti contribui para a valorização da identidade regional e para o fortalecimento de economias locais, principalmente nas comunidades ribeirinhas e nos pequenos municípios do estado do Pará, como Abaetetuba, reconhecido pelo produtor desses brinquedos. O envolvimento comunitário, o conhecimento empírico e a integração entre homem e natureza evidenciam a importância de promover políticas públicas que apoiem essas práticas, tanto na perspectiva cultural quanto ambiental.



Figura 6: Extração do Miriti. Fonte: [instagram/jerrysantosmultimedia](https://www.instagram.com/jerrysantosmultimedia)



Figura 7: Extração do Miriti. Fonte: [instagram/jerrysantosmultimidia](https://www.instagram.com/jerrysantosmultimidia)

1.4. O Artesão do Miriti e a Dimensão Cultural do Círio de Nazaré

A produção artesanal de brinquedos de miriti vai além do aspecto lúdico, configurando-se como uma prática que integra técnica, tradição, espiritualidade e identidade amazônica. O artesão não apenas transforma o miriti em arte, mas imprime em cada peça subjetividade e memória cultural. O processo envolve etapas precisas, como corte, lixamento, montagem e pintura, exigindo domínio técnico e sensibilidade artística.

Durante o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, esses brinquedos assumem forte valor simbólico, sendo usados como oferendas, promessas e expressões de fé. Essa ligação fortalece o ciclo produtivo local e reforça a função social e econômica do artesanato. Além dos brinquedos, o miriti é utilizado para criar réplicas de monumentos, objetos utilitários e esculturas com temáticas regionais e religiosas, mostrando sua versatilidade.

Artistas como Bruce Macêdo e Glauce Rocha ampliam o uso do material em obras contemporâneas, reafirmando seu valor cultural e artístico. Assim, o artesanato de miriti representa um elo entre tradição, sustentabilidade e resistência sociocultural na Amazônia, sendo instrumento de desenvolvimento sustentável e afirmação da identidade dos povos da floresta.

2. REFERÊNCIAS VISUAIS



Figura 8: Facebook Miriti Arte



Figura 9: XXV Feira Pan-Amazonica do Livro - 2022. Fonte: Instagram/glaucerrocha

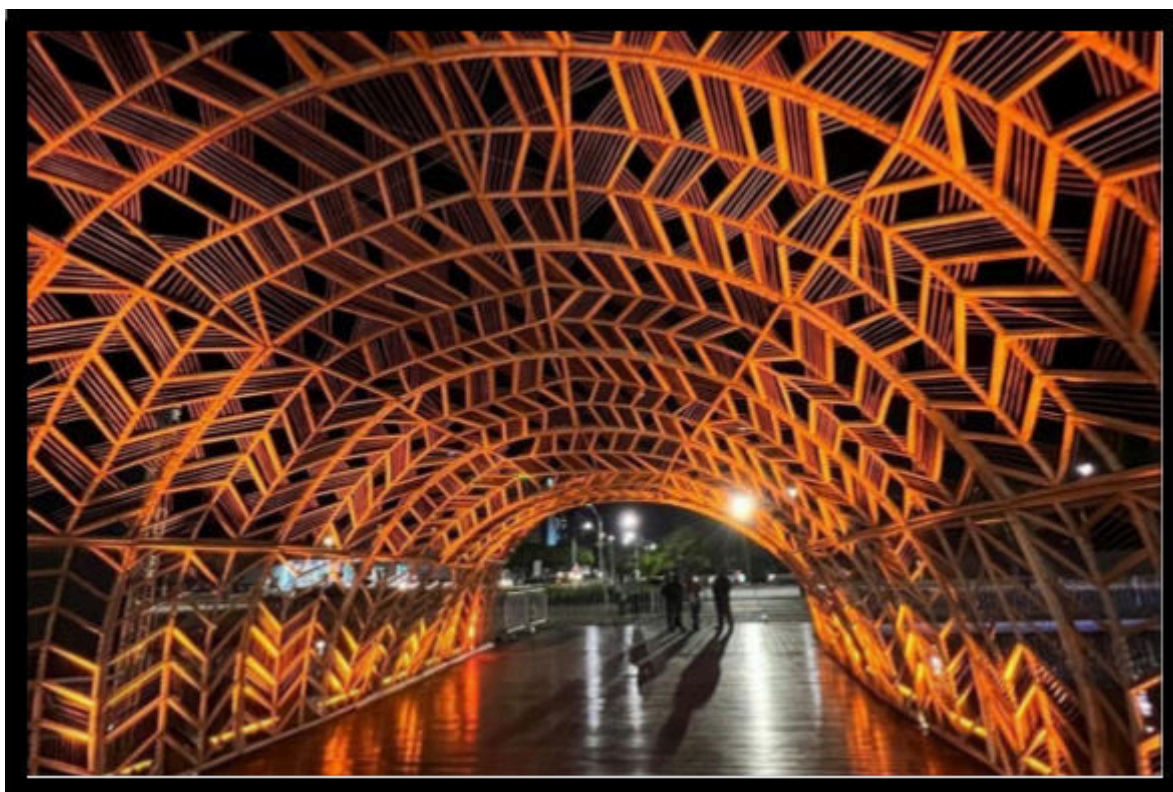


Figura 10: XXV Feira Pan-Amazonica do Livro - 2022. Fonte: instagram/glaucerrocha



Figura 11: globo terrestre com sucatas. Sabina Escola Parque do Conhecimento



Figura 12: globo de garrafa pet Rio +20

2.1. O Mosaico Marajoara: Arte, Ancestralidade e Conexões Globais

O Mosaico Marajoara é uma manifestação artística contemporânea que resgata, reinterpreta e dá visibilidade aos grafismos da cerâmica marajoara, considerada uma das mais importantes expressões arqueológicas da Amazônia. Desenvolvida por povos originários que habitaram a ilha de Marajó entre os séculos IV e XIII, essa cerâmica é caracterizada por traços geométricos intrincados, padrões simétricos e o uso expressivo das cores preta e vermelha sobre fundo claro. Os grafismos tradicionais marajoaras carregam significados profundos, frequentemente ligados à espiritualidade, aos ciclos da natureza, à fauna, à flora e às experiências coletivas do cotidiano indígena.

Ao retomar esses elementos visuais no contexto atual, o mosaico assume uma dimensão simbólica e educativa, promovendo a preservação da memória ancestral e a valorização das identidades culturais amazônicas. Mais do que estética, a arte marajoara revela uma cosmovisão que compreende a relação entre seres humanos e natureza como integrada e sagrada — um ensinamento que se alinha diretamente aos princípios da sustentabilidade e da convivência harmônica com o meio ambiente.

O uso de formas poligonais nas composições do mosaico marajoara contemporâneo reforça essa visão interligada do mundo. Os polígonos simbolizam as conexões entre diferentes partes do planeta, sugerindo que todas as regiões estão vinculadas por laços ecológicos, sociais e culturais. Essa estrutura visual transmite a ideia de interdependência global, destacando que as ações humanas em um território têm impactos diretos e indiretos em outros — uma perspectiva particularmente relevante em tempos de crise climática e de debates sobre justiça ambiental.

Nesse sentido, o mosaico atua como um dispositivo artístico que articula passado, presente e futuro. Ele permite que elementos da ancestralidade indígena amazônica sejam atualizados em linguagens visuais acessíveis e compreensíveis por públicos diversos, servindo como ferramenta de comunicação e sensibilização sobre temas contemporâneos. A arte, nesse contexto, torna-se aliada da sustentabilidade, ao promover não apenas o cuidado com os recursos naturais, mas também o respeito às culturas tradicionais e aos modos de vida historicamente marginalizados.

Ao integrar-se a espaços públicos, exposições culturais e projetos educacionais, o Mosaico Marajoara contribui para o fortalecimento de um imaginário coletivo que valoriza a diversidade sociocultural da Amazônia. Ele expressa a riqueza dos saberes tradicionais, mas

também propõe um olhar crítico e inovador para os desafios do presente, como a conservação ambiental, a identidade territorial e a soberania dos povos originários.

Em conexão com eventos internacionais como a COP 30, a ser realizada em Belém do Pará, essa linguagem visual ganha ainda mais relevância. Ela comunica, de forma simbólica, a urgência de políticas climáticas que considerem as especificidades locais e respeitem as vozes dos povos amazônicos. O Mosaico Marajoara, portanto, não é apenas arte: é um ato de resistência, um instrumento de educação ambiental e uma plataforma de diálogo entre tradição e inovação.



Figura 13: Arte Marajoara

3. PROPOSTA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO

Desde o início da minha trajetória na cenografia, sempre busquei formas de me conectar com minhas raízes e com os territórios simbólicos que atravessam a cultura paraense.

A escolha de desenvolver uma instalação a partir do globo de miriti surgiu do meu desejo de homenagear a Amazônia não apenas como paisagem, mas como território vivo, ancestral e cheio de histórias. O miriti, fruto de uma palmeira típica da região, é um símbolo que carrega simplicidade, resistência e memória.

Ao conhecer mais profundamente o uso do miriti no artesanato popular, especialmente na confecção de brinquedos no Pará, percebi o quanto esse elemento representa um elo entre a natureza e a cultura. Ele é leve, delicado, mas ao mesmo tempo resistente — características que me tocaram profundamente e que, de certa forma, refletem também minha maneira de pensar o fazer artístico.

Escolher o globo de miriti como objeto central desta instalação cenográfica foi também um gesto político e poético. Em tempos em que a Amazônia é sistematicamente ameaçada, falar dela através da arte é uma forma de resistência. Quero que o público não apenas veja uma obra, mas sinta, atravesse e reflita. A instalação busca criar um espaço onde corpo, matéria e afeto se encontrem, e onde o fruto amazônico ganhe um novo significado como símbolo de mundo, de território e de urgência.

Este projeto é, portanto, um encontro entre minha identidade como artista e minha responsabilidade como criador de imagens e espaços. É um convite ao olhar sensível e à escuta da floresta, que, mesmo distante dos grandes centros, tem muito a nos dizer.

4. ESPAÇO: ESTAÇÃO DAS DOCAS

No contexto da crise ambiental global e da crescente degradação da Floresta Amazônica, o guindaste pode ser interpretado como uma poderosa metáfora visual do planeta Terra suspenso por um fio, em um estado de fragilidade extrema e dependência de ações humanas conscientes. Assim como um guindaste sustenta uma carga elevada, exigindo equilíbrio e precisão para que ela não caia, o planeta encontra-se suspenso entre o colapso ambiental e a possibilidade de regeneração — dependendo diretamente das escolhas políticas, sociais, econômicas e ecológicas da humanidade.

A degradação amazônica — marcada pelo desmatamento, queimadas, mineração ilegal, grilagem de terras e perda de biodiversidade — compromete um dos maiores sumidouros de carbono do mundo e ameaça profundamente o equilíbrio climático global. Nesse sentido, o guindaste representa a última tentativa de manutenção do planeta em pé,

simbolizando o esforço necessário para evitar que ele “despenque” rumo ao ponto de não retorno ecológico.

Visualizar a Terra suspensa por um guindaste após a devastação da Amazônia é, portanto, uma imagem de alerta: estamos por um fio. Se o fio rompe — ou se o guindaste falha —, o impacto será irreversível. Por outro lado, a presença da máquina também pode sugerir a capacidade humana de reconstruir, restaurar e sustentar o mundo — desde que haja vontade política, respeito à natureza e valorização dos saberes tradicionais, como aqueles que mantêm viva a cultura do miriti e outras práticas sustentáveis na região amazônica.

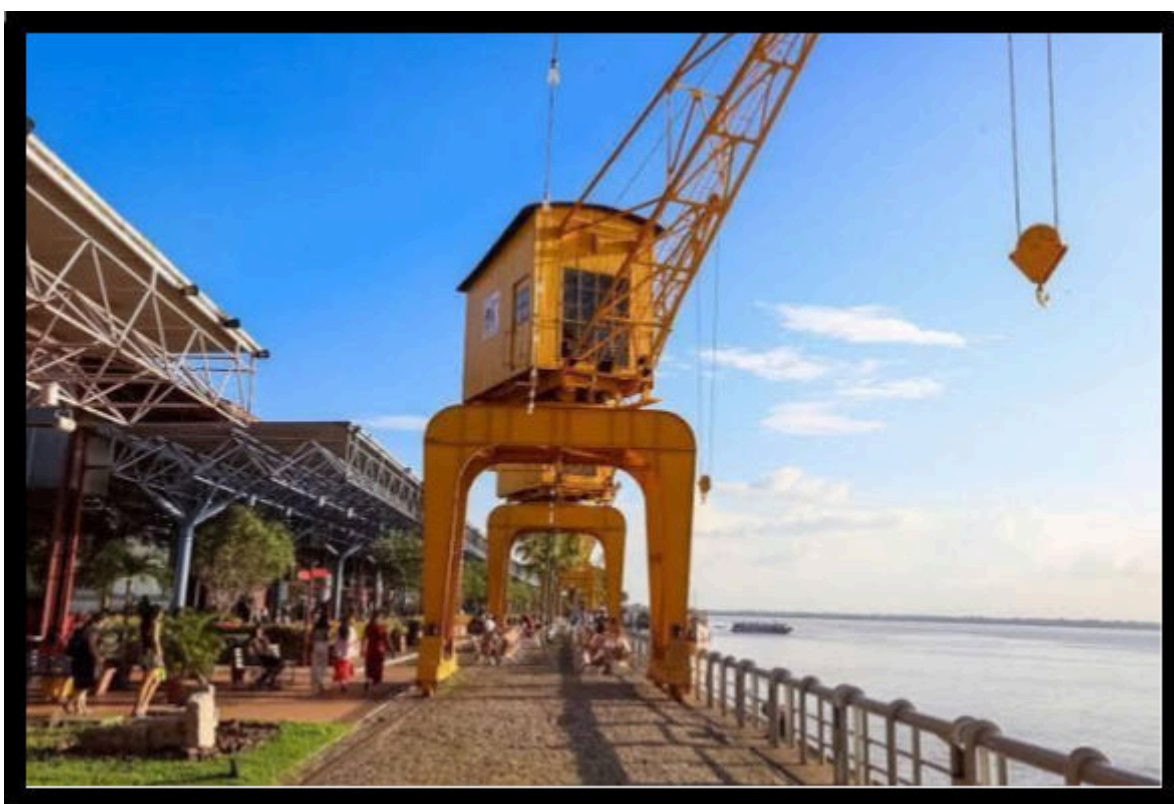


Figura 14: O guindaste escolhido para expor e compor a instalação

5. PRODUÇÃO DO PROJETO

5.1. Rascunhos



Figura 15: Rascunho



Figura 16: rascunho feito a mão

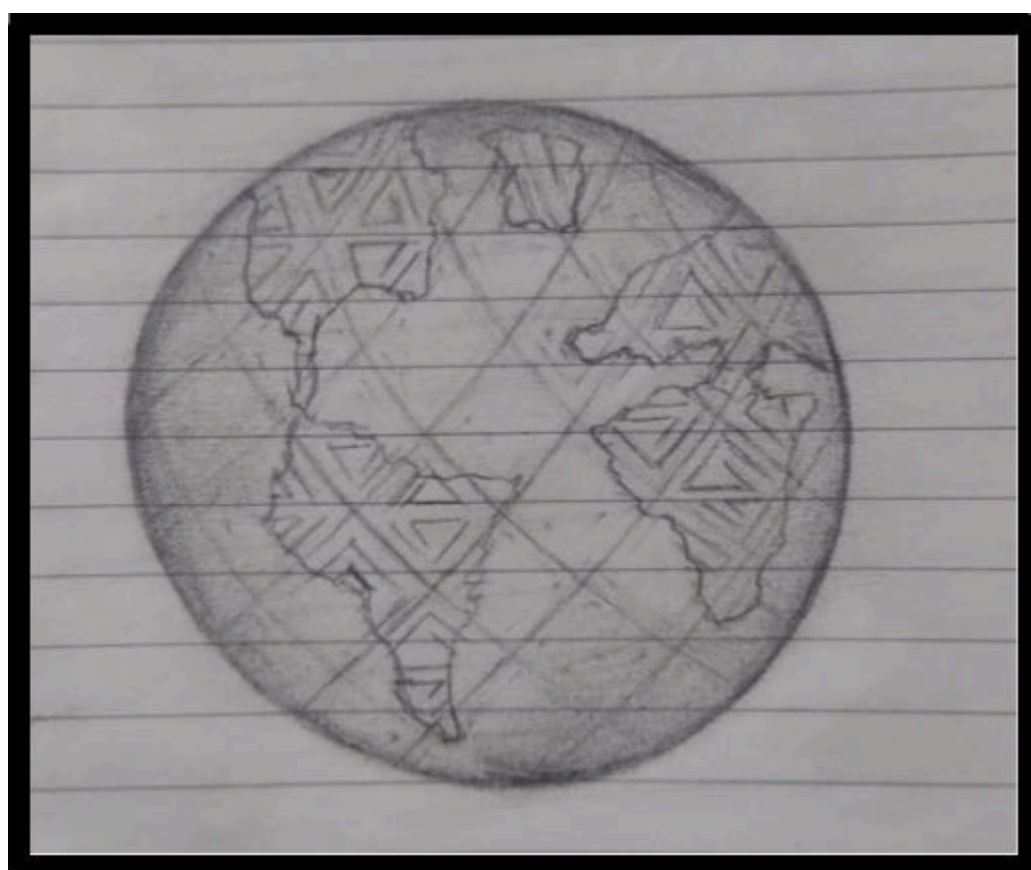


Figura 17: Rascunho do Globo

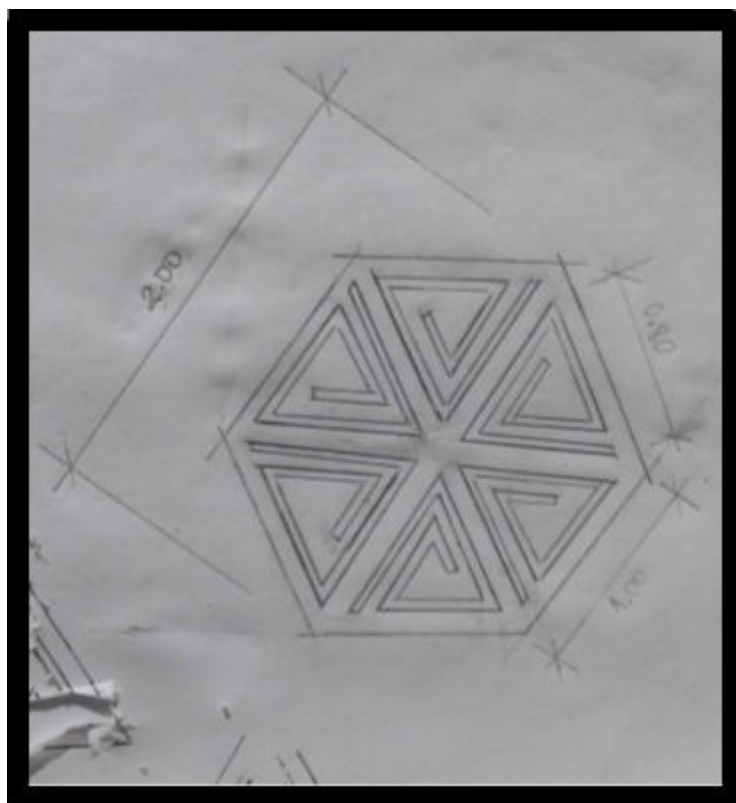


Figura 18: Detalhamento hexágono

5.2. Construção e montagem da maquete - Globo

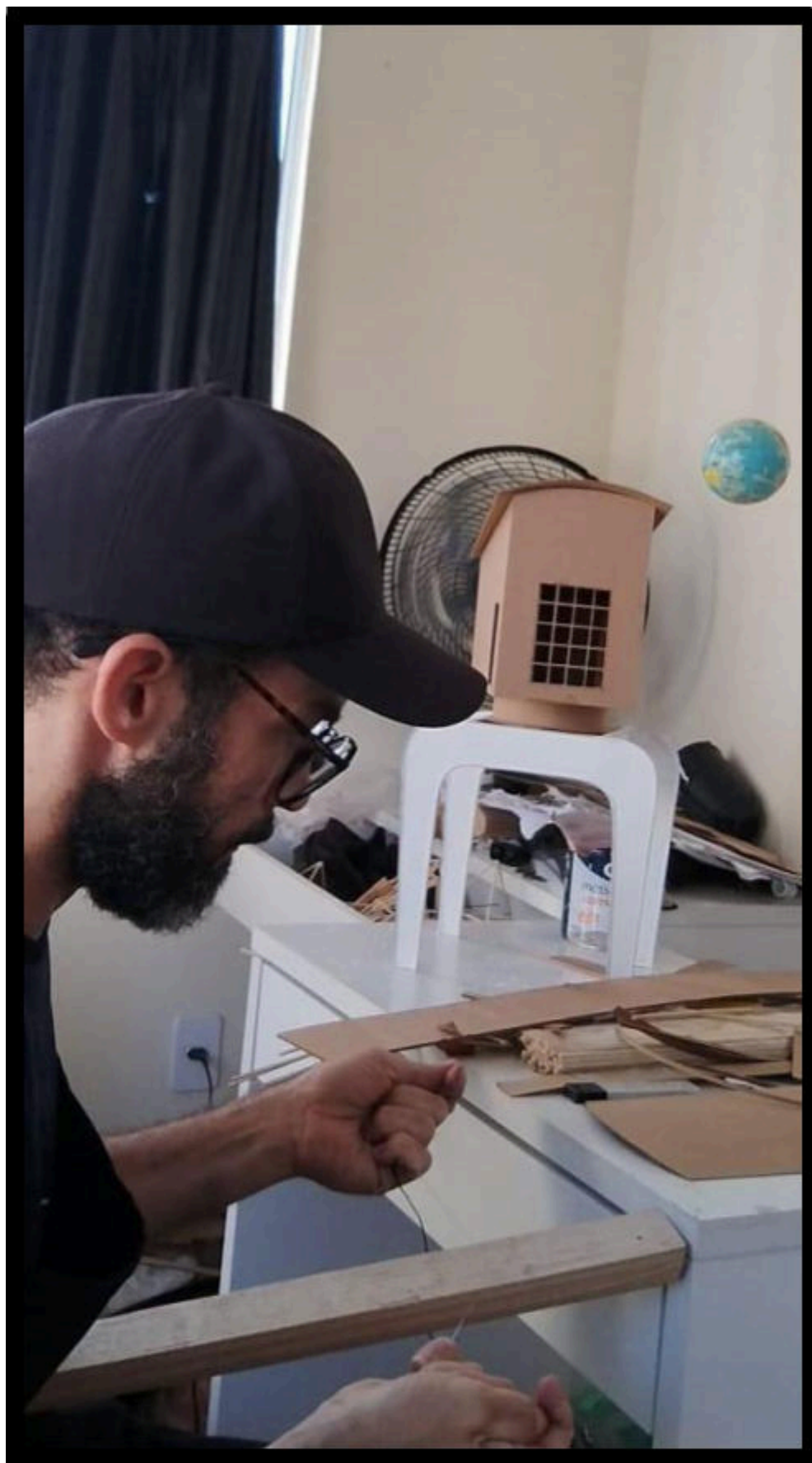


Figura 19: Corte do miriti



Figura 20: Miriti cortado em ripas



Figura 21: Lixando as ripas



Figura 22: Medindo as ripas na escala da maquete 1:25



Figura 23: Ripas na escala da maquete, 1:25

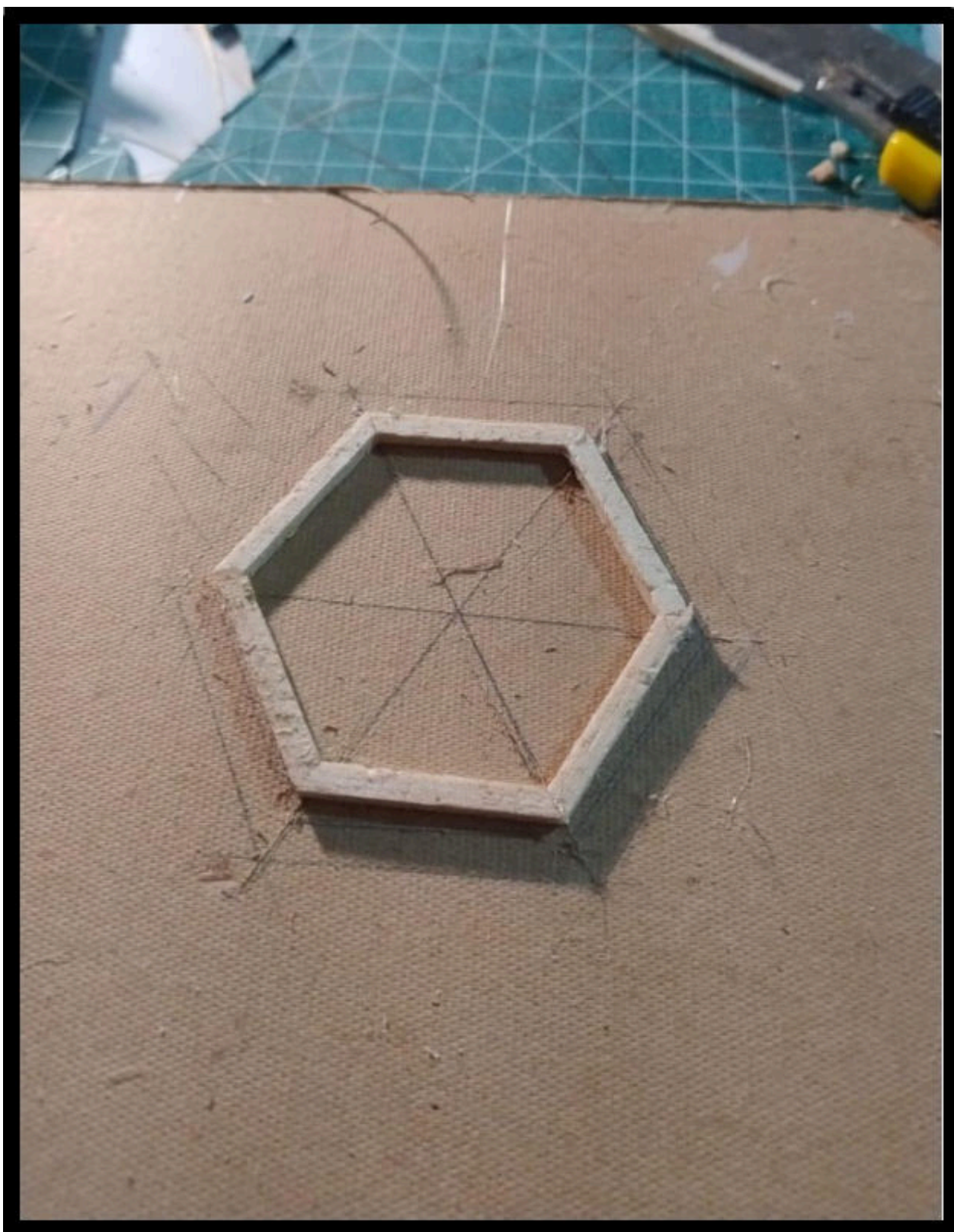


Figura 24: Desenho base para montar os hexágonos que irão formar o Globo

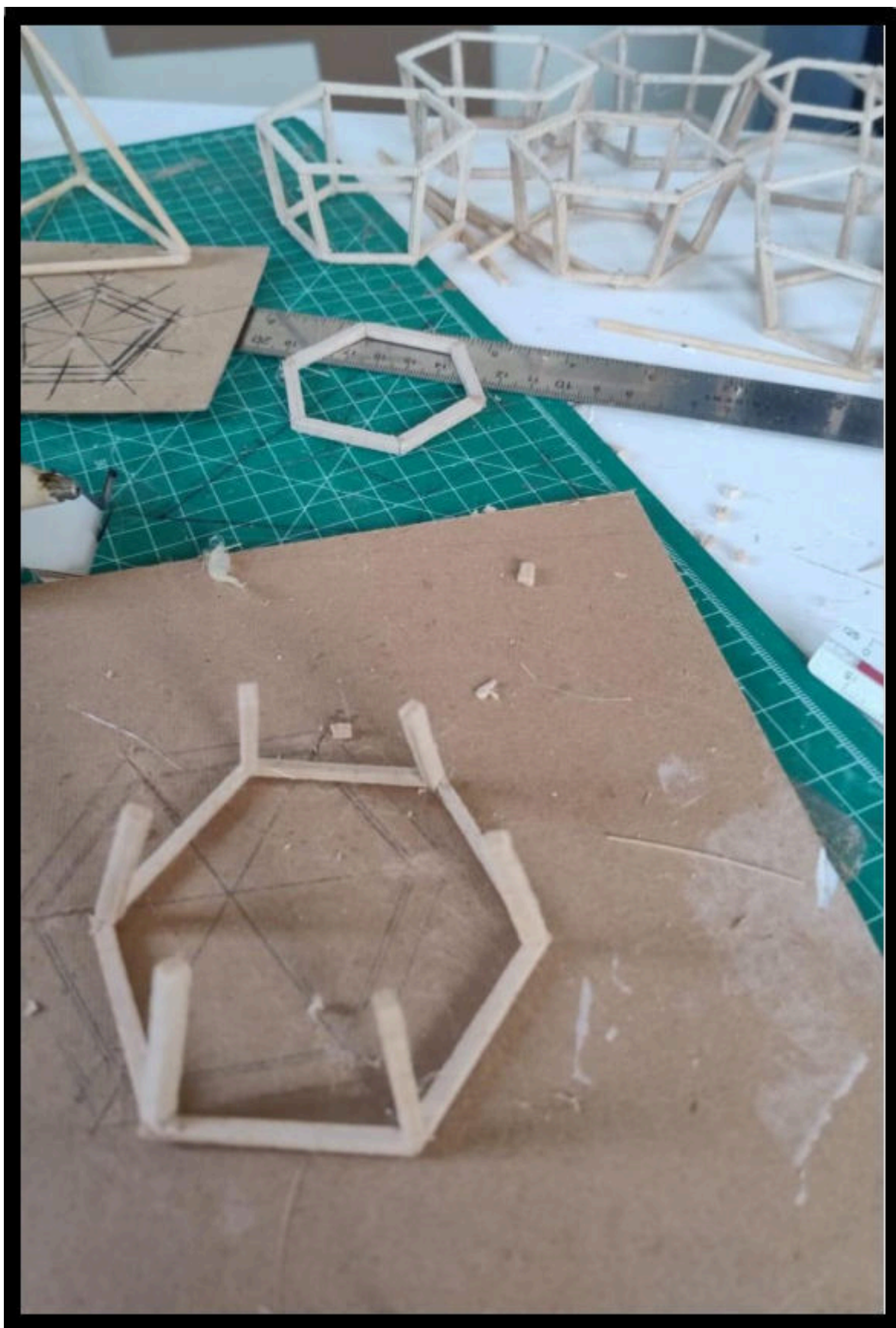


Figura 25: Formando a estrutura

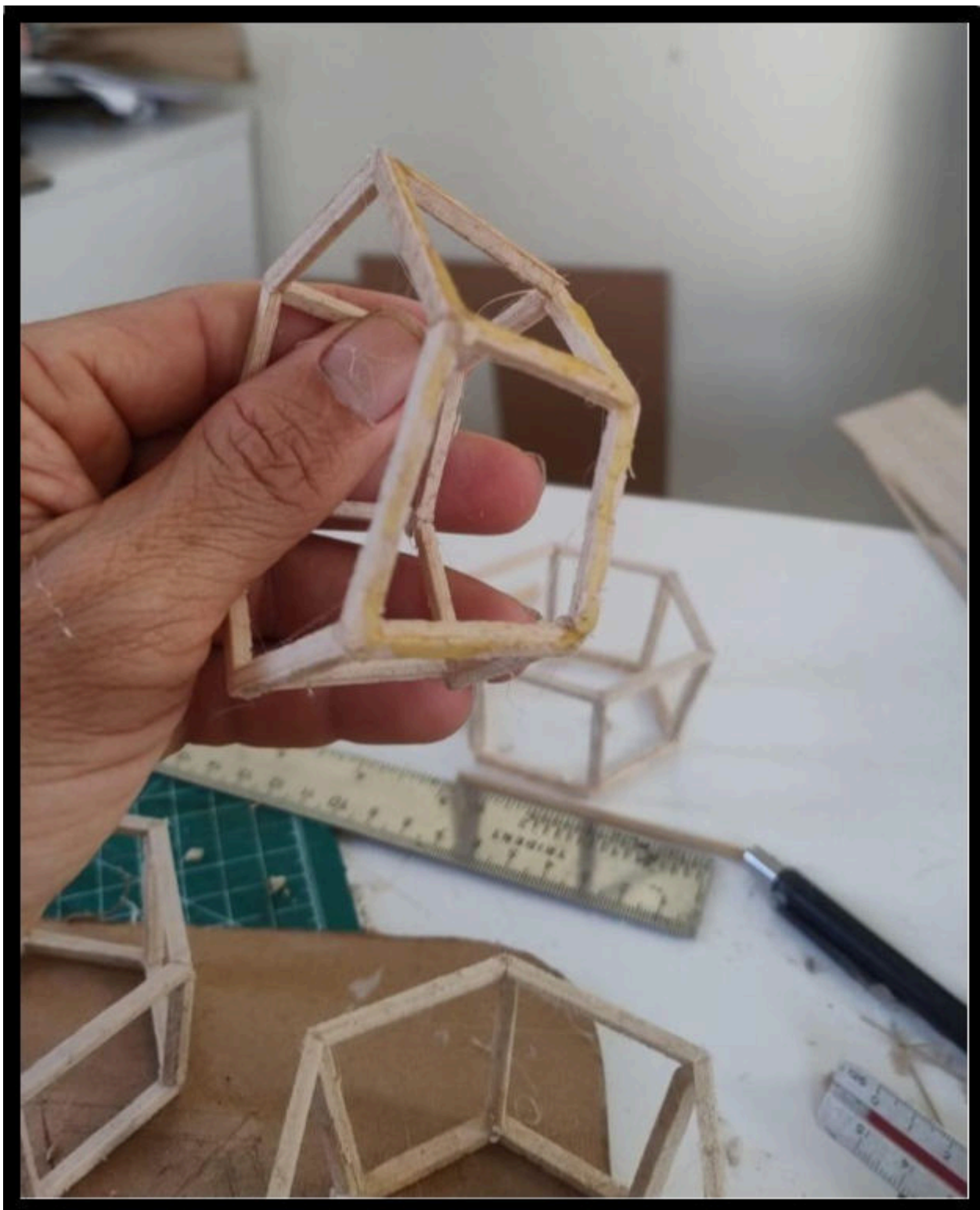


Figura 26: Estrutura hexagonal que irá se repetir para formar o Globo

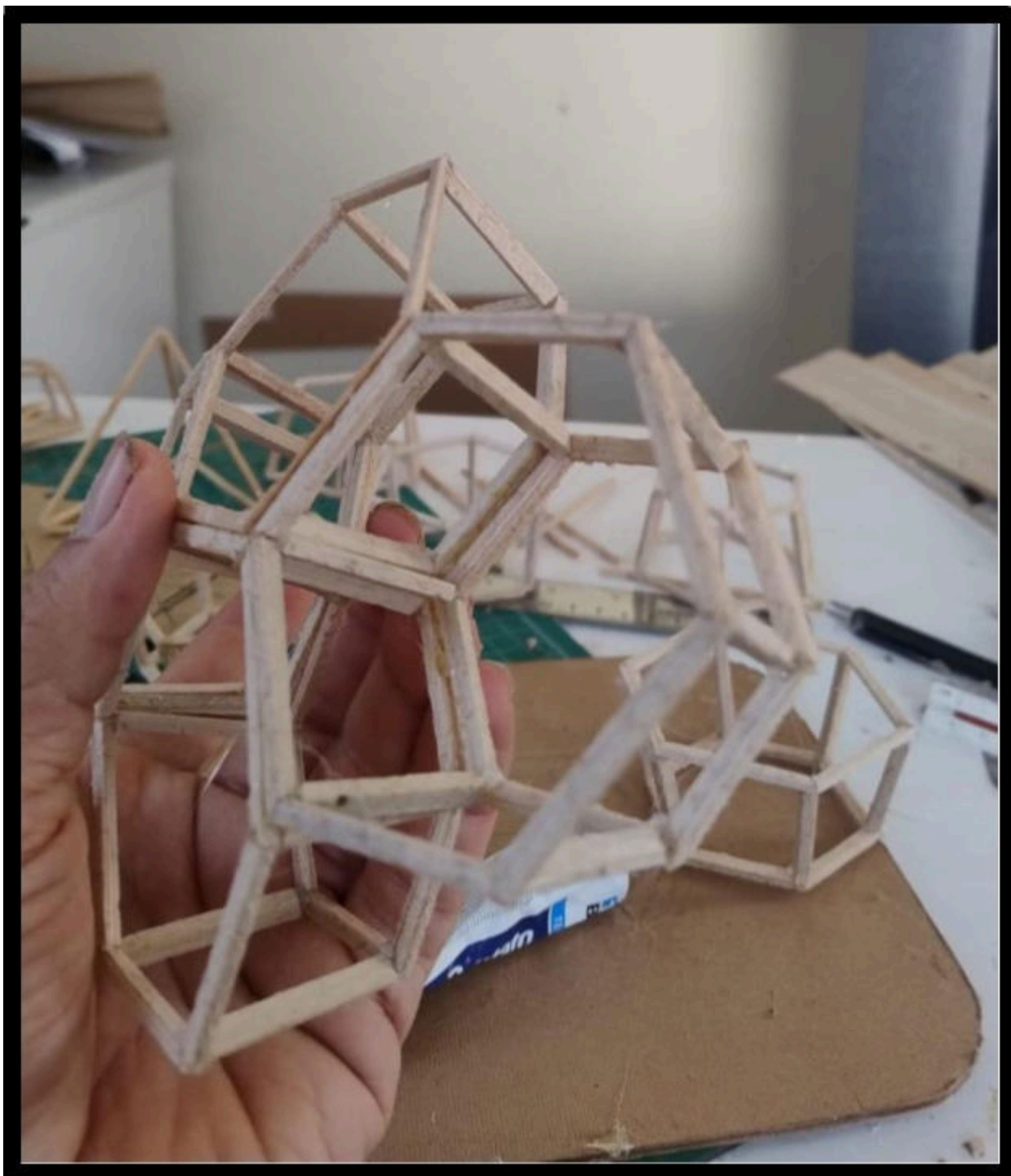


Figura 27: Repetição das formas para formar o Globo

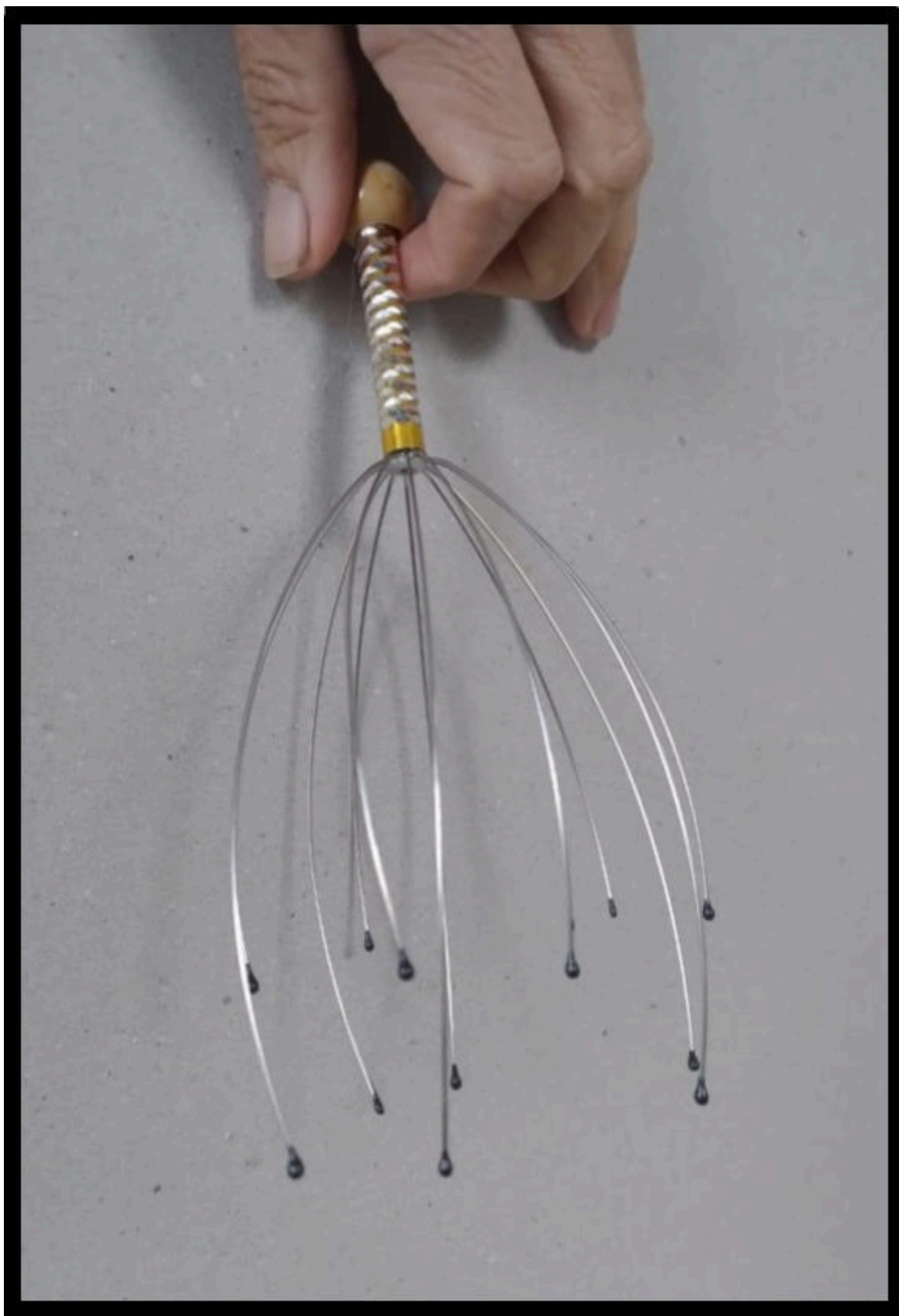


Figura 28: Instrumento usado como base de sustentação ao Globo



Figura 29: Montagem do Globo

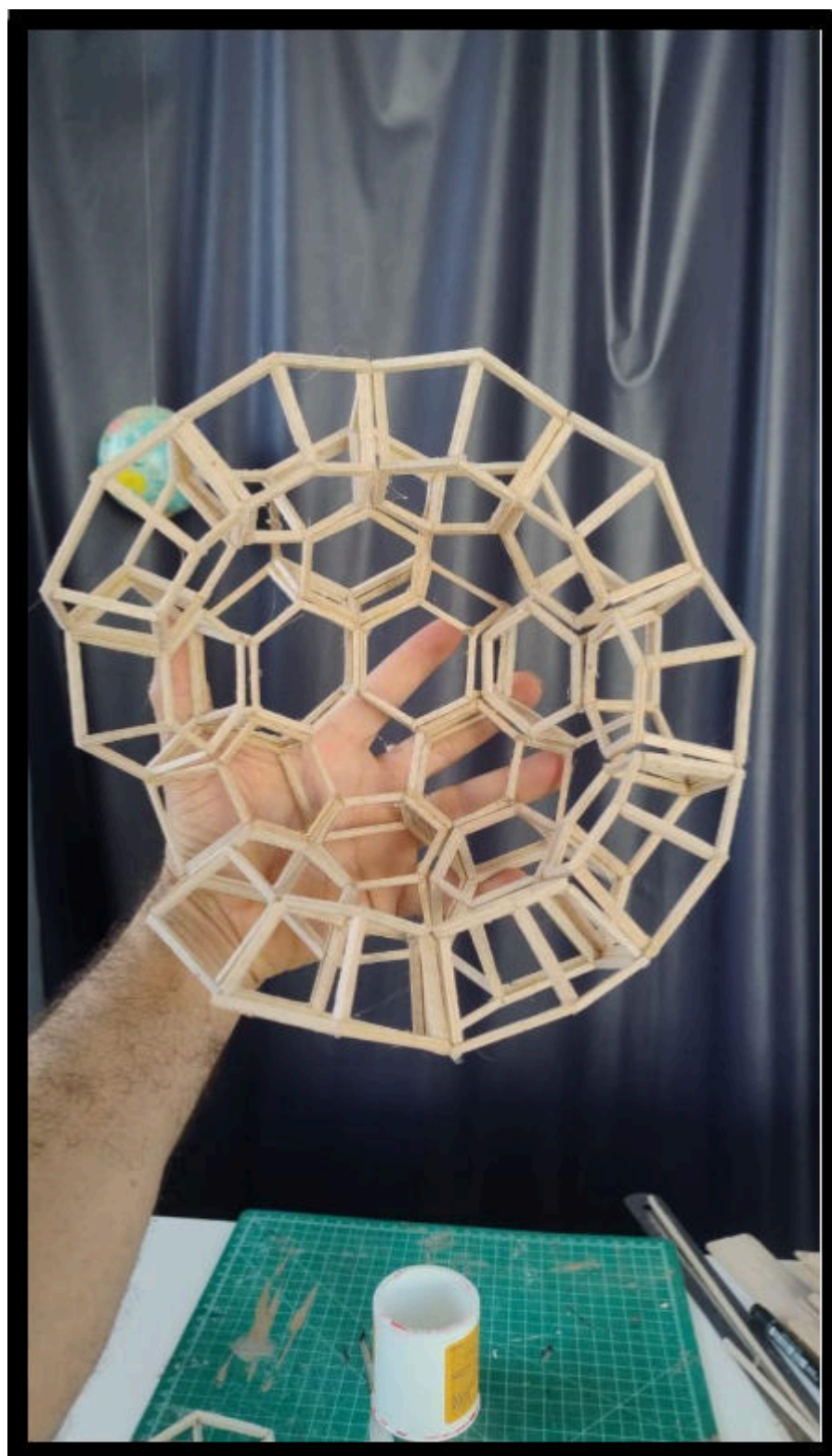


Figura 30 : Construção do Globo

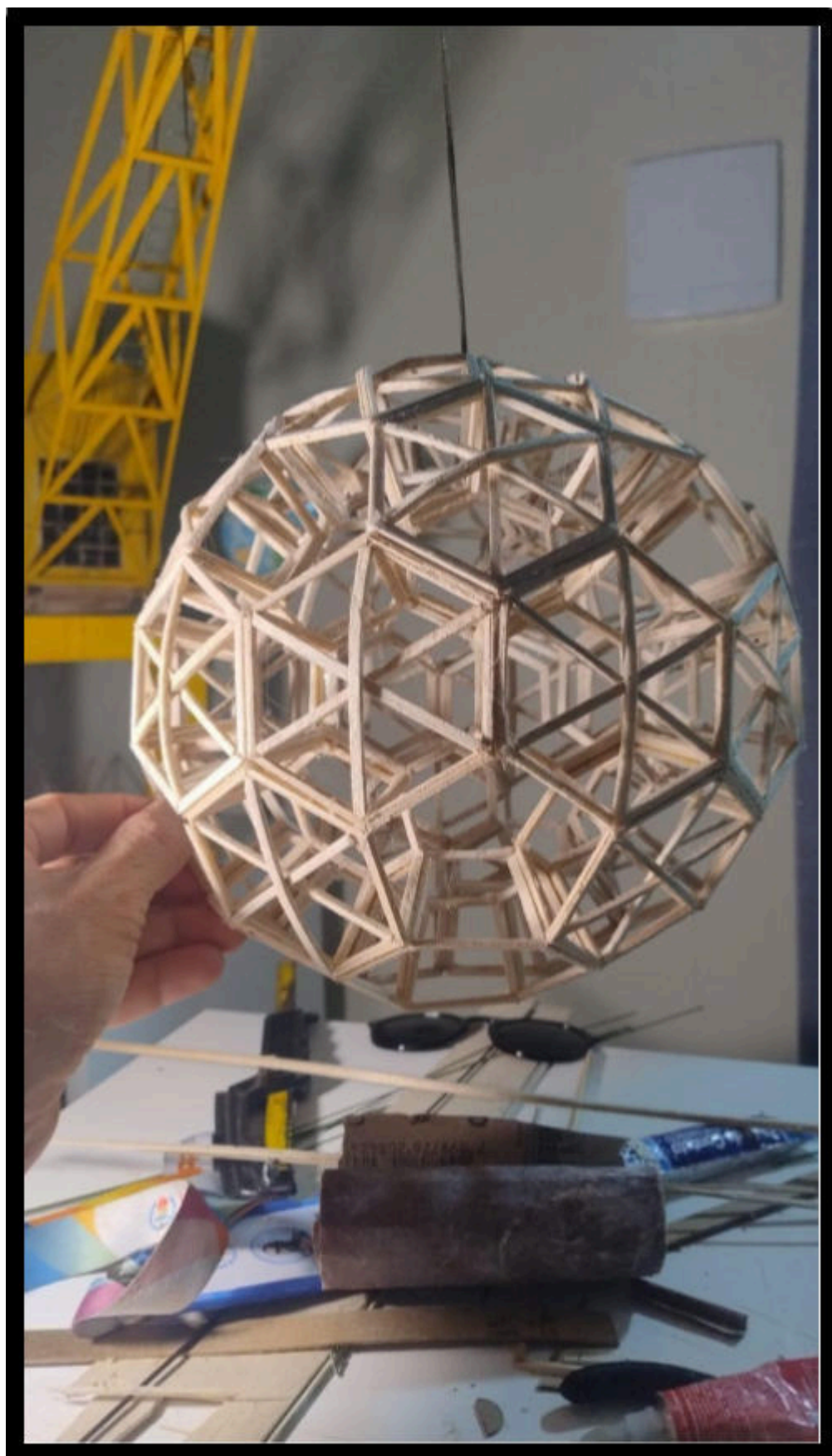


Figura 31 : Estrutura do Globo pronta

5.3. Construção do guindaste



Figura 32: Marcação



Figura 33: Dando forma na maquete do Guindaste



Figura 34 : Estrutura da maquete do guindaste



Figura 35: Lateral da estrutura da maquete



Figura 36: Lateral da maquete do Guindaste



Figura 37: Pintura da maquete do Guindaste



Figura 38: Maquete finalizada.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARONSON, Arnold. *Cenografia hoje*. In: A[l]berto. Revista da São Paulo Escola de Teatro nº5, 2013. Disponível em:

<http://www.spescoladeteatro.org.br/revista-sp/revista-sp-alberto-05.php>

BERSA, Aline. *Abaetetuba, capital mundial do brinquedo de miriti*. Programa é do Pará. Rede Globo. 2022. Disponível em:

redeglobo.globo.com/pa/tvliberal/edopara/noticia/abaetetuba-capital-mundial-do-brinquedo-de-miriti.ghtml

BORBA, Lúcia. *Arte Amazônica: Entre a Tradição e a Contemporaneidade*. UFAM (Universidade Federal do Amazonas). 2015.

CUNHA, João. *Amazônia na COP28 em meio à crise climática: o que esperar da Conferência do Clima*. 2023. Disponível em:

<https://fas-amazonia.org/blog-da-fas/2023/11/21/amazonia-na-cop28-em-meio-a-crise-climatica-o-que-esperar-da-conferencia-do-clima/>

HOWARD, Pamela. *O que é cenografia?* Tradução: Carlos Szlak. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2015.

MACÊDO, Bruce. *ENTRE TRAMAS: A Utilização do Miriti na Artesania da Cena*. 2016. Disponível em:

https://www.ceart.udesc.br/arquivos/id_submenu/739/bruce_cardoso_artigo.pdf

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Abaetetuba: fundação mítica e brinquedos de miriti*. Abaetetuba, PA. Prefeitura Municipal, 2005.

MACÊDO, Bruce Cardoso. *O miriti como possibilidade cênica e de construção de alegorias*. Revista Repertório. 2012.

SOSI, Jaqueline. *Palestra - Miriti: Material de Expressão Popular*. Casa da Cultura de Canaã dos Carajás. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a2anB290Qil>